



ENSINO DE GEOGRAFIA NO CAMPO: A IMPORTÂNCIA DO LUGAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ¹

Cláudia Lúcia da Costa/Universidade Federal de Uberlândia

claudiageo@hotmail.com

Rosselvelt José dos Santos/Universidade Federal de Uberlândia

rosselvelt@ufu.br

INTRODUÇÃO

Apresentamos reflexões acerca da pesquisa de Doutorado que está em andamento pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. O mundo contemporâneo revela novos paradigmas para se pensar a educação posta hoje tanto na cidade como no campo. Os principais objetivos da pesquisa são: entender o ensino de Geografia, em escolas de zona rural de Catalão/GO, pensando nos desafios da formação para a cidadania a partir do cotidiano no qual se inserem os alunos, compreendendo os seus saber-fazeres e a cultura dos povos cerradeiros no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, a problemática central consiste em saber como alunos e professores pensam o lugar, apontando para uma perspectiva de ensino de geografia que considere esse lugar de vivência dos sujeitos. Logo, analisar como são elaboradas as políticas públicas para o ensino de Geografia do campo e, como elas chegam ao lugar, como se desenrolam nele é o nosso problema principal.

Isso tudo tem provocado inúmeras possibilidades de abordagens, procedimentos e reflexões sobre as habilidades escolares. Metodologicamente partimos do uso, no processo ensino aprendizagem da Geografia, dos seus principais conceitos, tais como: lugar, paisagem, território, região e espaço e como eles, no espaço rural se associam à cultura, à identidade, ao cotidiano e ao modo de vida dos alunos. A tese envolve pesquisa documental, bibliográfica, bem como trabalho de campo.

¹ Trabalho referente à pesquisa de Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

Podemos citar, por exemplo, no processo ensino aprendizagem da Geografia, preocupações em desenvolver nos alunos cooperação, sociabilidade e a incorporação de procedimentos que promovam novos saberes que se comprometam em coerência e aplicabilidade ao seu modo de vida. Dessa forma, a nossa pesquisa busca contribuir com as reflexões epistemológicas da ciência geográfica e para o ensino de Geografia.

Ensino de geografia no campo: a importância do lugar no processo de ensino-aprendizagem.

“A escola não deve converter-se em uma incubadora de pequenos monstros avidamente instruídos”.

“A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim. Todos os jovens deveriam ser iguais perante a cultura...”

Gramsci

O ensino é a construção de conhecimentos pelo aluno, ele é o sujeito de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social, e o professor tem um papel de mediador desse processo. E um dos desafios, é o de desenvolver em sala de aula, atividades considerando a escola um lugar de cultura, de encontro de culturas.

A geografia deve estar atenta às histórias, linguagens para compreender as diferentes leituras presentes nas escolas. A cultura escolar dominante legitima as vozes dominantes e a luta e a cultura de sala de aula se choca com a cultura de esquina. Segundo Pinheiro (2007), a formação social dos indivíduos e, em especial, a formação profissional, resulta de um conjunto global de influências, envolvendo as representações sócio-culturais, somadas aos conteúdos e formas praticados na educação informal, formal e não-formal. Com isso, não se quer diminuir o papel da escola, mas destacar que cada unidade escolar, apresenta uma individualidade, considerando o lugar onde se localiza e a trama de inter-relações sócio-culturais, compreendendo as ações cotidianas dos sujeitos, a cultura em geral e organização oficial do sistema escolar.

Nesta mesma linha, o autor afirma que todas as ações educativas, independente de sua natureza, refletem a sociedade, cuja característica primordial é a diversidade cultural, cujo aprendizado de cada sujeito acontece de maneira diferenciada conforme expectativas e experiências particulares. É aí que as fronteiras dos tipos de

educação se fundem, mesmo com a aparente homogeneização dos processos sociais e didático-pedagógicos.

Posto dessa forma, a compreensão da experiência dos alunos em sua relação com as paisagens próximas pode fornecer importantes elementos de entendimento da construção da realidade. A relevância do estudo de Geografia introduz-se nesse âmbito, no anseio de concretizar a leitura do mundo, ou seja, esclarecer as relações que ocorrem entre a sociedade de acordo com determinado tempo e espaço. Entretanto, diante da tarefa de ensinar sobre essa leitura de mundo e do lugar de vivência, precisamos ter claro que o espaço escolar é um local onde a formação de alunos-adolescentes e adultos pode resultar em uma construção prática e teórica.

Tal formação pode levar à superação de atitudes passivas diante da realidade, transformando-as em ativas no exercício de cidadania, baseadas no coletivo, na indignação ética, no comprometimento conjunto de se fazer surgir um viver democrático, uma sociedade plural, onde o respeito aos diferentes grupos que a constitui sejam valores maiores a ser efetivamente vivenciado.

Considerando esses aspectos, a geografia escolar, segundo Cavalcanti (2002), tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, questionando os métodos convencionais, postulando novos. Diante das mudanças no ensino, é necessário se pensar que o ensino de geografia comprometido com a cidadania; pensar o lugar de vivência do aluno e a vivência desse lugar no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho de educação geográfica na escola, para a autora, consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam. O aluno deve se ver como participante do espaço que estuda. O objeto de estudo geográfico, na escola é, portanto, o espaço geográfico. O movimento dialético entre as pessoas e os espaços forma espacialidades. Tal fato torna o conhecimento geográfico importante para a vida cotidiana. A geografia é uma ciência que estuda o espaço na sua manifestação global e singular.

Nesse sentido de diversidade e de singularidade, a cidade e o campo, considerados como conteúdo escolar, devem ser concebidos para além das suas formas físicas, considerando a materialização dos modos de vida, o espaço simbólico, o fato de serem formadores de sentidos de pertencimento e de identidade. Esses elementos são fundamentais na formação da cidadania. O aluno precisa compreender o modo de vida

da sociedade contemporânea e o seu cotidiano em particular, considerando a diversidade presente nesses espaços. O saber popular tradicional está fundamentado na experiência pessoal, nos seus próprios conhecimentos individuais, aqueles que partilham com outros da mesma geração e que herda da bagagem cultural acumulada, historicamente, por sua coletividade.

O ensino de geografia tem como papel resgatar identidades, fomentar criatividade, colaborar na construção de personalidades equilibradas, capazes de atuar nos diversos espaços da sociedade com o diferencial da ética e da cidadania planetária. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.). Um dos maiores objetivos da escola, e também da Geografia, é formar valores de respeito ao outro, respeito às diferenças (culturais, políticas, religiosas), combate às desigualdades e às injustiças sociais. (OLIVEIRA, 2007)

Geografia, que é formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico. E formar uma consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico. (Cavalcanti, 1998)

Ou seja, é preciso formar uma consciência espacial para a prática da cidadania. Consciência espacial como sinônimo de perceber o espaço como um elemento importante de nossa organização social, presente no nosso cotidiano. Cidadania entendida aqui como um pessoa que, sabendo de seu mundo, procura influenciá-lo, organizando-se coletivamente na busca, não só dos seus direitos, mas também lutando por uma organização da sociedade mais justa e democrática.

Entretanto, o ensino de Geografia no ensino fundamental, tanto no campo, quanto na cidade precisa ir além da troca de materiais e manuais didático-pedagógicos. É preciso obter informações que permitam compreender as crianças nos aspectos relativos à educação na cidade e no campo e, principalmente, sobre o seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, percepção do espaço e padrão de linguagem.

De uma maneira geral, os manuais didáticos e programas de ensino de Geografia retratam uma realidade estereotipada, que nada tem a ver com a realidade social e cultural do povo brasileiro. Os manuais tradicionais não enfatizam a compreensão do saber geográfico historicamente acumulado, dificultando a visão da Geografia real, vivenciada no seu cotidiano e tão necessária para melhorar as relações

entre o homem e a natureza (OLIVEIRA, 2007). Compreendemos que a cognição e a motivação dos sujeitos diferenciam de acordo com a realidade dos grupos, lugares, experiência vivida, crenças, valores, visão de mundo e significados sócio-culturais.

Dessa forma, ocorre uma grande necessidade de direcionar o conteúdo de ensino valorizando o meio rural, visto que este tem larga tradição de presença na educação e, na relação com o urbano, constitui-se como um elemento necessário para a compreensão das transformações sociais. O ensino de Geografia pode contribuir enormemente para resgatar a análise e a reflexão do rural como lugar onde se desenrolam as atividades sócio-econômicas e as manifestações culturais de seus habitantes.

Nesta perspectiva, e enquanto professores compromissados com um ensino crítico poderemos sempre discutir como e o que ensinar aos alunos. Levá-los a aprender a observar, descrever, comparar, estabelecer relações, representar espaços vividos são estratégias importantes de (re)valorização do espaço. O meio rural, assim como as pertencas dos povos cerradeiros precisam desse resgate e valorização para que as pessoas possam desenvolver e fortalecer laços fortes de relação, considerando a partir de então, outras dimensões educativas desta trama de práticas culturais em que enredamos nossas vidas.

Considerar os valores, a cultura, as tradições, compreender a identidade dos sujeitos na atual conjuntura é fundamental no processo educativo. Nesse sentido, Libâneo (2005) ressalta que, as práticas educativas, não se restringem à escola ou à família. Elas ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades. Entre essas práticas, há as que acontecem de forma difusa e dispersa, são as que ocorrem nos processos de aquisição de saberes e modos de ação de moda não intencional e não institucionalizado, configurando a educação informal. Há, também, as práticas educativas realizadas em instituições não convencionais de educação, mas com certo nível de intencionalidade e sistematização, tais como as que se verificam nas organizações profissionais, nos meios de comunicação, nas agências formativas para grupos sociais específicos, caracterizando a educação não formal. Existem, ainda, as práticas educativas com elevados graus de intencionalidade, sistematização e institucionalização, como as que se realizam nas escolas ou em outras instituições de ensino, compreendendo o que o autor denomina educação formal.

Os processos educacionais e os processos sociais de reprodução estão intimamente ligados. Essa relação pode ser verificada em Mészáros (1981, p. 272), “a crise das instituições educacionais é uma crise da totalidade dos processos dos quais a educação formal é apenas uma parte”. González (2006) propõe um outro questionamento, que consideramos fundamental para a pesquisa proposta nesse projeto;

Que práticas formativas desenvolver no contexto das instituições escolares, capazes de enfrentar, tensionar e superar as práticas atualmente dominantes de internalização fomentadas na educação para o mundo do trabalho e da cidadania? (GONZÁLEZ, 2006, p. 136).

Nesse sentido, destacamos a importância de se desvendar como o ensino de geografia está estruturado nas escolas de zona rural de Catalão e, como ele trata das peculiaridades dos alunos que vivem na zona rural, suas tradições e cultura; seu lugar de vivência. É fundamental investigar os elementos que, associados ao ensino de geografia, valorizem as matrizes formadoras dos sujeitos na perspectiva de uma educação emancipatória, articulando o cotidiano pedagógico com a intervenção social na realidade posta.

A perspectiva cultural é fundamental para a pesquisa. Claval (1999, p.11) relata que a cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas e o olhar do geógrafo não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde vivem. Neste contexto o autor destaca que:

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles reagem àquilo que lhes é proposto ou se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aspirações profundas (CLAVAL, 1999, p.13).

Entendemos a cultura como um elemento fundamental para a construção do saber em geral e para a construção dos conceitos geográficos na escola. Entender a cultura dos povos cerradeiros, portanto, é condição imprescindível para a apreensão do ensino de geografia em escolas de zona rural de Catalão/GO.

De acordo com Mendonça (2005), são povos cerradeiros (indígenas, quilombolas, camponeses, trabalhadores da terra, proprietários tradicionais etc.) aqueles

que historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais, experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, denotando relações sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais.

Entretanto, o que os diferencia, segundo o autor, além da perspectiva de se manterem na terra, constituindo modos de ser e de viver é a ação política na defesa da terra de trabalho e da reforma agrária a partir de diversos elementos, dentre eles a cultura e podemos acrescentar a educação, como determinante de ações políticas de característica revolucionária. Sobre os povos cerradeiros, Santos e Alves (2005, p.87) destacam que:

Além das instituições, os cerradeiros criaram e adquiriram objetos e estes foram sendo carregados de significados. Na unidade de produção familiar rural, as posses destes definiam a situação dos seus membros, principalmente o pioneirismo, a religiosidade, as habilidades, dentre outros. Saber analisar o significado social dos objetos é parte do processo de conhecimento de um determinado grupo social ou comunidade, pois eles também representam aspectos moral, das crenças e dos valores individuais e coletivos de seus membros (SANTOS & ALVES, 2005, p.87).

Santos (1999, p. 111) considerar o lugar como sendo a expressão de relações em que emerge o vivido. Segundo o autor:

[...] o lugar é geral e particular das relações sociais de produção e como tal pode indicar as diferentes formas de expressão dos fenômenos sociais, as formas desiguais de reprodução da sociedade devem ser interpretadas para além das perspectivas economicistas, evolucionistas... Para serem profundas, devem considerar o movimento que reproduz as contradições que integram e opõem diferentes sociedades (SANTOS, 1999, p. 118).

Portanto, alguns elementos de estudo da educação e da prática de ensino em geografia são fundamentais como cotidiano, educação, ensino-aprendizagem, cultura, identidade, cotidiano, modo de vida.

Segundo Oliveira (2007), a luz do Cerrado está nele, em sua beleza, em seus horizontes, rios, veredas, troncos tortos e folhas coriáceas, frutos de sabor exótico e flores rústicas de cores fortes, tamanduá bandeira, tucano e lobo-guará. A luz do Cerrado está, também, na música, nos raizeiros, nas benzedeadas, nos santos e no povo

simples, e em sua cultura. O Cerrado é tudo isto. O encontro dos saberes da escola com os saberes tradicionais, à troca de vivências, sentimentos e visões com o povo, como parte de uma opção da escola em adotá-los como referência pedagógica e metodológica.

Pesquisar sobre a educação e sobre o ensino de geografia, particularmente, é extremamente relevante no âmbito da contribuição epistemológica da ciência geográfica. Entendendo que a geografia escolar contribui, junto às outras matérias de ensino, com a formação de indivíduos conscientes da sua realidade e capazes de exercer plenamente sua cidadania.

Compreender o ensino de geografia em escolas de zona rural da cidade de Catalão, no estado de Goiás, configura-se num desafio de apreender as relações entre a educação e o Estado, como o Estado pensa a educação para o campo, como ele atua no sentido de estabelecer políticas de ensino para o campo. Vislumbrar a relação cidade-campo, e suas possibilidades de modo a ampliar os horizontes do ensino.

O presente momento do capitalismo estabelece uma conjuntura de valorização do ensino da cidade, que atendendo ao modelo de habilidades e competências exigido pelas empresas, se estende do ambiente da fábrica para a sala de aula. Logo, o ensino da cidade é reproduzido no campo, sendo que o lugar e o cotidiano dos indivíduos do campo são deixados de lado, em prol de uma educação para a cidade.

Pensar o ensino de geografia que está estabelecido hoje no campo e propor um “viés” metodológico para esse ensino de geografia, resgatando a perspectiva da relação entre educação formal e informal, das diferentes formas de se ensinar e aprender geografia, resgatando a perspectiva e as matrizes da educação popular, com o intuito de estabelecer as bases de um ensino comprometido com a formação social do sujeito que vive no campo, considerando seu cotidiano, seu modo de vida, sua cultura, sua identidade, seu lugar de vivência, são as bases de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni et al. (Org.). **Trabalho e educação: contradições do capitalismo global**. Maringá, PR: Práxis, 2006.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Carlos. **O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural**. São Paulo: FTD, 1990.
- CALDART, Roseli Salete. **A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo**. Texto produzido para a 23ª Reunião Anual da ANPED – on line no site: www.mst.br.
- CALLAI, Helena Copetti. **A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** In: Revista Terra Livre, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001.
- CASTRO, João Alves de. **Globalização ou mundialização**. 1996.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural** (Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta). Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma perspectiva sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.
- IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LACOSTE, Yves. **A geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1993.
- LIMA, Márcia Helena. **Educação e reforma agrária: (re)configurações entre a cidade e o campo**. 2001, Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2001.
- MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste goiano**. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Presidente Prudente, 2004.
- MÉSZÁROS, Istivan. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MOREIRA, Ruy. **A reinvenção do mundo moderno**. 1993.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1994.
- PESSOA, Jadir de Moraes. **A revanche camponesa**.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e informação no meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

—————. **Sociedad y espacio**: la formación social como teoría y como método. Tradução de Maria Laura Silveira. In: De la totalidad al lugar. Barcelona, Espanha, 1996.

SANTOS, Roosevelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In. **Revista Sociedade & Natureza**, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.

SANTOS, R. J. Et al. Toponímia. In: SANTOS, R. J. & ALVES, K. B. **Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II**. Uberlândia (MG): Composer, 2005. 152 P. P. 69-86.

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. de F.; FREITAS, N. E. de. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses. 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: UFU, 2006. 144 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Grupo de Trabalho Normalização Documentária da UNESP. **Normalização documentária para a produção científica da UNESP**: normas para apresentação de referências segundo a NBR 6023:2002 da ABNT. São Paulo, 2003. 97 p.